

ensinar para a vida, educar para a paz
alguns fragmentos de idéias para refletir e agir

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre***

***e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br***

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

Primeiro

“Não há caminho para a paz, a paz é o caminho”. Essa frase não é minha e tem sido muito repetida. A paz não é uma existência social realizada por si mesma. Não é o lugar que se chega. Não é uma dádiva doada dos que podem decidir em favor da paz, em favor dos que mereçam receber, como uma outorga, a paz, ou viver em paz. A paz é uma construção que pessoas em interação realizam na história, em cada dia, em cada momento de cada dia da vida cotidiana. Na experiência humana, a paz é a realidade mais original, mas é também a mais frágil, é a mais inevitável.

Segundo

Construir a paz em cada gesto. E construir a paz em cada gesto e a cada gesto não é algo raro e especial como às vezes nos fazem crer. Não é a experiência e a realização de vida de alguns poucos sábios e santos da história da humanidade. A paz, a paz verdadeira é a nossa verdadeira natureza.

Somos seres originados pela emoção. A emoção originária e dominante em nós, seres humanos, é o amor. Essa idéia vem de Humberto Maturana. Daqui a pouco eu vou ler algumas passagens dele, inclusive desse livrinho. Vocês estão vendo que tem um ar de aula, toda hora eu vou citar... se tivesse um quadro negro, eu ia escrever... “Formação Humana e Capacitação” que ele escreve com uma educadora chilena ..., quase todo mundo cita pelo Maturana, mas eu acredito que é um livro de oficinas para educadores, até um livro de uma extrema utilidades para vocês. Vocês já devem conhecer. São as oficinas de aprender a se colocar do ponto de vista do outro. Ele vai falar muito em amor e pouco em paz, talvez porque para eles sejam a mesma coisa.

Pois o amor, a experiência de uma emoção que é vocação original do ser humano, é o movimento em direção ao outro, em que o outro, a começar por mim mesmo, vale e significa pelo puro ser em si.

Esse é o sentido em que eu poderia dizer que o amor é a emoção que torna a paz inevitável. A relação original da emoção de amor, não pode haver sequer o desejo de ter o outro como Meu outro, meu próximo, meu irmão. Afinal, porque menos do que isto?

O amor é a emoção que torna a paz inevitável. Eu só amo aquilo e aquela cuja presença eu aspiro sem proveito utilitário algum. Eu acho que essa idéia aparentemente romântica, quase piegas, que não me vem nesse momento nem de Cristo, nem de Ghandi, mas de um

biólogo, doutor por Havard, Humberto Maturana. Ela é um substrato absolutamente essencial para se pensar a paz. Vocês vão ver que o tempo todo, mesmo com todo respeito que eu tenho pela militância política, eu vou, não opor, mas contra-pôr a criação interativa da paz a um projeto político de paz, defendendo, inclusive, o primeiro lado. Eu não acredito em políticas de paz. Eu acredito em gesto cotidianos de construção da paz. Tudo o que é decretado, sobretudo nas relações profundas entre as pessoas, não dá em nada, e quando dá, dá em coisas muito perversas.

Se o outro é a pura e livre pessoa de si mesma em meu amor, não há possibilidade alguma do desejo de posse e do exercício do poder sobre ele. Logo, essa é a relação matricial de construção da paz. Eu vou dizer isso, inclusive, com uma radicalidade muito grande em alguns momentos. Eu quase diria que programar pedagogicamente a criação de crianças cidadãs pode conter um ato de violência contra essas crianças.

O que é em nós, que não é a emoção originária do amor não é o outro lado nosso. A inveja, o rancor, o ódio, o desamor, não são o nosso lado de sombra, o nosso lado oculto. O outro lado daquilo seria o amor, o outro lado de luz. A inveja, o rancor, o desamor, o ódio são o que eu sinto quando vivencio o outro como objeto, em qualquer circunstância, qualquer relação vegetal é uma relação que embuti algum desses sentimentos. Como alguém sobre quem eu sobreponho o meu desejo insatisfeito de proveito de posse ou de exercício de poder. Em seu equilíbrio, a pessoa é puro amor. Em sua busca de equilíbrio a pessoa é uma condição pessoal do amor. O Maturana em livros como “A árvore do conhecimento” e em um livro que eu nunca me lembro o nome, embora eu leia várias vezes, fabricado pela Editora da UFMG, que se chama “Linguagem, Cultura e Educação”, alguma coisa assim, ele toca nesta radicalidade do amor. Estranho, Maturana, Ghandi, Cristo, Guevara, pessoas que parecem não ter nada a ver, tem tudo a ver. Inclusive em “A Árvore do Conhecimento”, num primeiro momento, lá no fim do livro, em que Maturana ousa dizer esta palavra, ele diz para encerrar o livro, dessa maneira:

Se apesar de tudo, ao longo da trajetória da vida, nós chegamos até onde chegamos e não nos destruimos e antes, até ao contrário, podemos até sonhar.

Ele não vai falar num outro mundo possível que embora tenha vindo a Porto Alegre, que tenha passado naquele momento, mas se podemos ser esperançosos é porque, apesar de tudo, apesar do que foi lido na carta do Bispo, o sentimento genuíno de que nós somos feitos é o amor e tudo que é contra ele não é o nosso outro lado, não é a outra parte de mim que inclusive justifica eu fazer o que faço. Por exemplo, eu amo algumas pessoas, mas eu tenho

direito de odiar outras porque eu tenho um lado de ódio em mim. Não, Maturana vai dizer que tudo que não é o amor é a nossa doença, é a nossa ausência, não é o nosso outro lado, nos compõe, nos decompõe. Tenho até uma citação, Maturana, página 25. Ele diz assim:

A Biologia do amor sujo se dá na composição histórica humana. Quando o amor é a emoção fundamental que guia o dever histórico, que faz o humano no sistema de linhagem primata o qual pertence os seres humanos. O amor como emoção é o domínio das condutas relacionadas, através das quais o outro surge como legítimo outro pela convivência com alguém. Como tal o amor é a emoção de fundo social, como âmbito de convivência pelo respeito por si mesmo e pelo outro. Quem respeita a si mesmo, independente, é autônomo sem estar em oposição. O respeito por si mesmo não se constitui na diferença por outro, mas na aceitação da própria legitimidade. Quem respeita a si mesmo, ama o que ama a partir da liberdade de ser, isto é, a partir de ser responsável pela própria responsabilidade.

Terceiro

A paz não é originalmente um produto da política, mesmo de uma boa política. Ela é um processo de interação entre pessoas reais, cotidianas. Não se decreta a paz e não se pode aumentar a paz, criar a paz, estabilizar a paz com Constituições, com Políticas e muito menos com Exércitos.

A paz é o que se cria quando entre pessoas, entre grupos humanos, entre sociedades e entre nações, o sentimento que cria interação é o amor, não é sequer o dever, mas o amor, a acolhida incondicional do outro, isto é, o desejo do bem, como razão de ser e estar com ele, com o outro e partilhar com ele alguma coisa, qualquer coisa, um mínimo gesto. O máximo poder, a máxima partilha que cria como processo do cotidiano, e não como decreto da política, a possibilidade da paz. A paz é uma teia de gestos de vocação não violenta, inclusive, a palavra não-violência, “ainsa” do Gandhi, eu tinha pensado em colocar no meu texto, fiquei muito feliz quando encontrei, como princípio norteador aqui no documento da... A paz é uma teia de gestos de vocação não violenta, gestos de “ainsas”, se quiséssemos falar como Gandhi, porque neles não há posse no outro, nem poder algum sobre o outro. A paz se constrói entre o gesto de aceitação do outro e de criação com ele de um momento fecundo de interação. Um mínimo momento que inova o mundo e que entre ele e eu, eu e ele, o outro, eu e ele somos acolhidos na ternura, quem quer que ele seja, o que quer que ele faça. E aí uma outra idéia nos vem curiosamente de Cristo, mas também de outras tantas pessoas divinas

que diz que eu só me realizo como uma pessoa, ou existente no amor, ou a caminho do amor, muito mais provavelmente nesta segunda situação, quando o outro que eu amo é um outro incondicional. Amar a pessoa por quem eu estou apaixonado, não significa coisa nenhuma. Amar os meus, também não significa. Não se trata apenas de amar os inimigos como em Cristo, aliás, como em Gandhi, mas amar qualquer outro incondicionalmente pelo simples fato de que é uma pessoa humana. Um outro filósofo judeu, que eu cito muito nas minhas falas, o Martin Buber, que aliás é um dos gurus do primeiro Paulo Freire, de enorme importância; toda a teoria dialógica em Paulo Freire é Buberiana, muito mais do que marxista. Mas um outro judeu, Emanuel Lévinas diz:

Nenhum ser verdadeiramente humano pode resistir ao rosto do outro.

O rosto do outro, o olhar do outro é o desafio ao amor. E se eu sou humano eu não resisto a isso, mesmo que seja por um momento em que o rosto de ódio, voltado para mim. Ele em si, o rosto de uma pessoa humana, já me desafia a abrir para uma resposta amorosa.

Pode ser que haja grandes gestos coletivos de paz. Meu Deus do céu, quantos nós fizemos a dois anos atrás. Abraçamos lagoas, fizemos passeatas pela violência nas várias cidades. Mas é preciso desconfiar destes atos. A paz, o aprendizado da paz, estão muito mais na tecitura de infinitos pequenos gestos de interconexão da vida cotidiana, do que nos grandes rompantes da sua proclamação em um raro momento da história, principalmente quando estes momentos são vividos por aqueles que logo depois rompem a paz em nome de interesses. Acho que pouca gente hoje em dia fala em paz, em democracia, como esse famigerado Sr. Bush, a quem o Bispo da Flórida dirige a carta. A paz começa a ser possível quando eu sou capaz de separar o ser da pessoa com quem eu me relaciono do fazer desta pessoa. Isso inclusive bate, eu volta e meia vou relacionar só para ficar gravado, com o item dois desse documento, que eu vou até ler:

As respostas em relação a violência escolar tem o alcance reduzido enquanto permanecerem restritas às medidas de contenção da violência. Para superar é preciso colocar-se a partir de um outro ângulo de posicionamento, a não violência, entendida não apenas como negação e ausência da violência, mas em sua concepção propositiva de justiça e solidariedade.

Eu aqui estou lembrando uma passagem do Ghandi, que eu não estava com livros dele nestes momentos de escrita aqui a mão no meu bloquinho, eu lembrei do espírito da idéia. Ghandi, em vários momentos das suas falas e escritos, inclusive em pleno processo de

enfrentamento pela desobediência civil, através da inicia ao governo inglês, ele dizia mais ou menos o seguinte, então Ghandi, via Carlos Brandão:

Eu tenho todo o direito de me opor ao poder do colonizador e me voltar contra ele em todos os momentos, se eu estou certo, como estou, de que seu poder de colonizador é injusto, arbitrário, imposto e causador de infelicidade. Eu tenho esse pleno direito de lutar contra a colonização, desde que eu reconheça não ter o mínimo direito de fazer qualquer mal para qualquer efeito e em nome de qualquer direito legítimo meu à pessoa daquele que me coloniza, ou seja, o meu pleno direito de odiar o mal é a contra-face do meu pleno direito de amar aquele que faz o mal.

Eu, inclusive, depois a gente vai tirar uma conclusão pedagógica, o Maturana inclusive nesse livrinho com a educadora chilena Sima Nisis de Rezepcka, e eles vão tocar nessa tecla, eu como educador posso pretender melhorar, transformar o fazer relacional das pessoas com quem interajo, com meus alunos, mas eu não tenho o direito de tocar no ser dessas pessoas, ele é sagrado, é intocado, uma questão absolutamente pessoal.

Toda pessoa rotulada torna-se um inimigo em potencial, um simples rótulo que eu coloco sobre um alguém, que seja negro, homossexual, marginal, traficante ou o que seja, já o antecipa como meu inimigo, eu diria que o simples classificar seres humanos e classificá-los hierarquicamente numa escala de bem e de mal já é um ato de violência, já é em si um ato de violência. Toda pessoa que eu tento transformar pra que ela deixe de ser quem ela é para ser como eu quero que ela seja, é uma vítima de minha violência, minhas intenções podem ser boas, mas não deixam de ser uma violência. Tudo que eu posso fazer em nome da paz, de uma cultura da paz e de uma sociedade de vocação de paz é criar e recriar cenários de interação onde eu e ele e eu e meu outro possamos interagir através do que criamos e fazemos à partir da absoluta liberdade do ser quem somos.

Sexto

(...) Da mesma maneira como em qualquer relação humana regida pela emoção do amor e do conseqüente pleno respeito da liberdade de ser, sentir, de pensar e de viver de outra pessoa, eu não tenho direito de me impor a este ser na mesma medida em que tanto o direito e o dever de dialogar com ele, inclusive pedagogicamente, eu posso realizar através da crítica amorosa do seu fazer. O campo de minha relação docente é o da expressão do fazer, é o das relações interativas regidas pelas emoções de pessoas com quem eu me relaciono, qualquer relação em que, mesmo com a melhor das intenções, me faça portador do direito de transformar o ser de um outro em mim mesmo, num alguém como eu, o meu modelo ou num alguém que eu planejo que ele seja nos meus projetos pedagógicos sobre como devem ser as pessoas que eu educo, é na sua relação original algo que impute à violência e é portanto negadora da paz. É interessante que essa idéia que parece tão absurda dita assim com essa radicalidade buberiana, gandhiana, estou muito inspirado por essas pessoas e mais Maturana, ela tem sido visitada e revisitada por vários educadores, ontem eu citava por exemplo em Osório uma transformação profunda que ocorreu e tem ocorrido com uns educadores que trabalham com populações indígenas numa das áreas mais difíceis na prática da educação, tanto religiosos quanto laicos por exemplo, numa divisão de educação indígena lá do MEC em convênio com a FUNAI e como eu sou antropólogo vivo lidando com alunos, com orientandos que trabalham nessa linha. Há muito tempo nós migramos daquela visão missioneira de que aquele filme belíssimo “A Missão”, aliás, passado aqui pelo sul é um bom exemplo, para uma outra completamente diferente, quase oposta, com a melhor das intenções, que muitas vezes levava a um martírio ou uma doação de uma vida inteira a povos indígenas, eu no entanto, ia ao meu outro, o índio, acreditando que educá-lo, cristianizá-lo, civilizá-lo era roubá-lo de ser como ele é, para torná-lo como eu sou, para fazê-lo como eu. Grandes educadores, grandes missionários, que inclusive morreram servindo aos seus ... na África, na Ásia e aqui nas Américas, partilhavam essa idéia que era uma cultura do seu tempo, não haveria quase como pensar de forma diferente, até Rousseau ia por aí, só que ele, mais lúcido, achava que talvez tivesse chegado a hora, isso há quatro séculos atrás, de fazer o contrário, deixar que os selvagens nos selvagemizem, ou seja, nos civilizem, porque neles estaria a verdadeira experiência da civilidade humana. Por muito tempo passamos por uma espécie de estágio intermediário, eu não quero mais que o outro seja como eu, o meu modelo perfeito, mas o mais próximo possível, os negros da África, os indígenas e outros povos, mas que ele seja pelo menos o resultado do projeto que eu tenho para ele. Como eu sou capaz de pensá-lo melhor que ele mesmo, afinal eu sou um educador, sou um filósofo, sou uma pessoa tão bem

intencionada, eu tenho o direito natural de projetar como ele ser, como ele deveria ser e conseqüentemente, educá-lo nessa direção. Fizemos e fazemos isso até hoje com a melhor das intenções. De repente eu encontro missionários católicos, estive várias vezes, ou uma vez numa tribo indígena, com os Tapuirapés, ou outras vezes nos vários encontros, freqüentava, agora menos, esses grupos, que me dizem, como missionário e educador junto a povos indígenas, a única coisa que eu posso fazer, é tudo o que eu posso fazer para que eles continuem tendo os seus deuses, a sua religião, o seu modo de vida e as suas tradições. Bartolomeu Mellliá chegava a ficar pelado e dizia que só não tirava as sandálias e os óculos, porque não tinha jeito, para dançar com os seus Sanumá, porque dizia: “quando eu estou numa comunidade Sanumá, o meu deus é o deus dos Sanumás”, chegava a esse ponto de radicalidade, eu não só não tenho nenhum direito de pregar Jesus Cristo, como eu não tenho nem sequer o direito de acreditar em Jesus Cristo enquanto eu estou com eles. (...) Tomás de Aquino, o missionário português, que inclusive foi assassinado, que vivia com os Moqui, ...Nossa, agora eu não sei se eu estou confundindo Tomás de Aquino com missionário espanhol que foi assassinado por fazendeiros brancos, mas partilhava, inclusive, ele quase se converteu num indígena, seria um grau radical de identidade com o outro, também não recomendáveis...

Estamos agora nesse último momento que é extremamente desafiador. Eu vou citar de orelha, porque eu não, mas me contaram que é de uma passagem do Larrossa, eu não sei se falada aqui no Brasil, ou escrita, em que ele, ao lado de dizer que a função da Pedagogia é retardar o desenvolvimento da criança... passando rapidamente de momento para momento, para passar de série em série e finalmente chegar num outro grau e no outro grau fazer a mesma coisa, a função da Pedagogia era fazer tudo o possível para que ela vivesse lenta, generosa e fecundamente cada um dos seus momentos. Eu dizia ontem em Osório, que isso nos transfere da pergunta: O que que uma criança da 2ª série precisa aprender para passar para a 3ª, depois para a 4ª, depois para a 5ª, infinitamente? Para a pergunta: O que que uma criança de oito anos deve saber para viver plena e profundamente a experiência irrepetível de ter oito anos? Isso para mim é o fundamento, inclusive, de toda a ciclagem de escolas. Mas o Larrossa diria também: Temos nós o direito de projetar, quinze anos antes, como deverá ser o jovem quando tiver quinze anos, ou dezoito anos, que nós estamos educando agora, com quatro, cinco, seis anos de idade? Talvez isso fosse uma pergunta sem sentido numa sociedade em que as gerações se sentiam vivendo e atravessando as mesmas experiências de cultura, as mesmas tradições, os mesmos modos de vida. Mas, nós que vivemos num mundo em que às vezes a cada cinco anos, coisas fundamentais da nossa própria vida se alteram ou são substituídas... Quem ainda é construtivista, quem ainda é Vigovisk ou Piaget,

será que não vieram outras pessoas? Será que as teorias pedagógicas não são outras? Se isso acontece conosco, como pré-formar antecipadamente através de um projeto de construção, por exemplo, de uma criança cidadã, num alguém que eu não sei como vai ser, num mundo que eu nem sei como vai se transformar. Uma questão terrível, difícilíssima, mas é uma das maravilhas do ser educador hoje em dia.

Uma educação para a paz não pode impor aos meus educandos um modelo antecipado e programado de cidadão construtor da paz. Em nome do outro, no meu amor, eu não posso educá-lo “para”, para ser útil a algum projeto do futuro que eu acho bom, para ele, para mim, eu só posso educá-lo “em”, em cada momento de nossa relação e para viver cada instante dessa relação. O “para”, o preparar “para”, o antecipar pode embutir a liberdade que é condição da própria amorosidade dessa relação entre eu e o meu outro e aqui especificamente, eu e o meu estudante. Maturana, 16. Leiam depois no contexto, eu vou ler apenas a passagem, o contexto é extremamente significativo.

Consideramos que o propósito da Educação não é o de preparar cidadãos úteis e responsáveis, estes devem resultar do crescer com respeito a si mesmos e com consciência social. A Educação também não deve ser a preparação de crianças para serem úteis à comunidade, mas deve ser o resultado do seu crescer naturalmente, integrados nela.

Parece uma idéia muito arrojada, muito de agora, muito difícil de se aceitar, mas em 1948, quando Piaget foi convidado para escrever um artigo, o artigo 26 da Declaração dos Direitos Humanos, ele disse algo muito semelhante, para quem não lembra, eu mesmo não sabia, eu só me lembrei quando li o artigo, está num livro em português, chamado: “Para onde vai a Educação, Para onde vai a Pedagogia”, é um livro pequenino, tem apenas dois artigos, um é esse aí. O artigo 26 é o direito humano à educação, então ele vai desdobrando e vai fazendo comentários. Ele diz, em 1948, eu tinha 8 anos, era um menino da Rua General Barbosa Lima, em Copacabana, e um péssimo aluno, no ano seguinte eu ia ser expulso do Colégio São Bento... Há um momento em que, antecipando-se ao relatório ... , há muita coisa que veio depois, Piaget diz nesse texto esquecido:

“A cidadania, a paz, a harmonia, a solidariedade são aprendíveis”, eu estou pondo Piaget nas minhas palavras... Ele vai falar sobretudo da experiência da cidadania. A cidadania se aprende e a escola é um lugar essencial para a realização disso aí, mas não através de conteúdos. Uma coisa interessante, a cidadania é aprendível, mas não se ensina cidadania. Parece coisa de Paulo Freire. Ou melhor, a cidadania só pode ser ensinada, quando entre

professor e alunos há uma relação recíproca de ensino-aprendizagem da própria experiência de cidadania, não através das coisas que se dizem, mas através das coisas que se realizam. Aquela idéia do Maturana, não quando eu invado o ser do outro, mas quando eu reflito com ele o seu fazer na interação comigo. Você pode ser quem seja, um menino violento, um menino homossexual, um menino isso ou aquilo, quem vai destinar quem você é, é você mesmo. Agora como educador, eu tenho direito de pensar com você aquilo que a sua forma de ser está provocando no círculo de interações que nós compartilhamos. Eu não posso dizer nada de você ser mau, eu posso fazer uma avaliação crítica do que a sua maldade está me provocando nesse momento da nossa interação. É você, que com isso, vai lidar com a sua maldade, com a sua homossexualidade, se é que homossexualidade é algum problema. Eu devo confessar que os gays e as lésbicas com quem eu convivo em Campinas, são no momento as pessoas mais felizes, inclusive porque tem pouquíssimas desavenças amorosas. (...)

Essa idéia de que a paz não é decretável... eu posso criar uma proposta de pedagogia da paz, em direção a uma cultura da paz na escola, mas eu não posso pô-la no estatuto, eu acho que eu não posso sequer programá-la, é improgramável. Seria mais ou menos, eu vou fazer, já que eu estava falando de relações amorosas, alguma coisa como um primeiro dia de amor, de uma descoberta de amor entre um homem e uma mulher, o homem porque talvez tenha feito um curso de NBA, diga a uma mulher: Bom, já que nos amamos, vamos programar como vai rolar, segundas feiras vamos nos amar assim, terças feiras, assim... e assim por diante, o amor, provavelmente, sobretudo porque as mulheres são profundamente sensíveis e não programáveis, graças a Deus, esse amor iria se extinguir muito cedo.

Sétimo.

A experiência da construção interativa e social da paz e de culturas da paz é em si mesma abrangente, não exclusiva e totalizante. Qualquer fronteira aqui é uma violência. Não posso amar esse e não aquele. Não posso excluir outros do amor, para vivê-lo de uma maneira mais intensa para aqueles que eu elegi para doar o meu amor. Posso amar com graus e sentidos diferentes de amor, mas não com amor desigual. Tudo aquilo e todo aquele que eu deixo de fora do meu projeto de paz é de alguma maneira o meu objeto de desamor, da minha violência, portanto. Uma vez deflagrada a aventura humana da construção da paz, é uma teia amorosa de laços entre tudo e todos. Esse é um sentido, por exemplo, em que eu consigo compreender esses novos paradigmas entre Morin e Kapra... o próprio Maturana e tantas outras pessoas, por isso, inclusive, eu tenho aprendido a lê-lo a partir do Boaventura e

do Maturana, um vai colocar o amor no centro de todo esse processo e outro vai colocar a consciência crítica, inclusive, a prática política como fundadora da própria ciência. São, digamos, aqueles que me fazem poder dialogar com esses novos paradigmas. Então, essa idéia de totalização, ela não me vem por uma consciência cosmo-budista de que eu sou parte-partilha na minha mente de um universo pleno de sentido, me vem através do afeto, mais uma vez em Maturana, me vem da crença, ainda que eu realize isso de uma maneira tão imperfeita, que eu não fui capaz de conversar com o velho mais bonito do mundo, numa noite em Porto Alegre, de que, se eu me abro para o amor, se a realização disso é, por exemplo, como educador um projeto de construção da paz, isso me joga numa teia de círculos infinitos e infinitamente estendíveis. Uma vez deflagrada, a aventura humana de construção da paz, é uma teia amorosa de laços entre tudo e todos. A partir dos mais próximos em direção dos menos próximos. A partir dos outros menos próximos, em direção aos outros menos próximos ainda, mais distantes. A partir daqueles com quem...

A partir daqueles que são mais como eu mesmo, em direção àqueles que são a minha diferença. A partir da pessoa concreta de cada ser, de cada grupo humano, de cada comunidade, em direção ao povo, a qualquer povo, a humanidade; não a humanidade abstrata, mas ela refletida na plenitude de cada ser concreto que a realiza. A partir dos seres humanos, os seres da vida, aqueles com quem compartilhamos a Biosfera e com quem compartilhamos a nossa casa-nave Gaya. A paz social é apenas uma dimensão da vigência da paz entre a sociedade e o meio ambiente, entre a sociedade humana e a natureza, e que a própria sociedade não é mais que uma dimensão; essa idéia é uma idéia de Marx. Há até um momento aqui que eu escrevi. Não ia ler não, mas deixa eu ler porque nós temos tempo: um exemplo concreto e palpável disto seria o momento em que um torcedor tão fervoroso do Grêmio, em um Grenal, na hora de um pênalti a favor do Grêmio e contra o Internacional, se sentisse absolutamente em comunhão, não com o chutador do Grêmio, mas com o goleiro do Internacional.

Não é por ser um contexto de vida que a interação original do amor constrói, que a paz tem que ser abstrata, inocente, ou sagrada o bastante, para deixar de ser humana. Ao contrário, o exercício da construção da paz na vida cotidiana e no fio múltiplo e complexo da história, é uma ação crítica, reflexiva e militante. Nem por ser contra a guerra, a paz poderia deixar de ser aguerrida. O nome social da paz é justiça e o nome político é liberdade. O mundo regido pela exclusão, arbítrio e desigualdade, pode falar sobre a paz, pode pretender falar em seu nome, mas em nada ele cria o contexto da cultura da paz. Um exercício da construção social da paz, é a denúncia sem trégua das estruturas de poder geradores de desigualdade e opressão, logo da verdadeira, mais poderosa, mais persistente violência. Em

muitas palestras que eu faço por aí, sobretudo no tempo que eu fazia palestras no exterior, quando me perguntam sobre a violência, eu respondo, qual, a da Rocinha, na Gávea, ou a de Wall Street? A pequena violência ou a grande batalha, de qual vocês querem falar? Os europeus, às vezes fechavam a cara, inclusive, porque ao invés de eu citar o Wall Street, eu citava alguma cidade da região, na Espanha ou na Itália. Lembro-me inclusive que eu citava, algumas vezes, um livro maravilhoso do Segretão Teodorov, chamado “Descoberta do Outro: a conquista da América”, esse livro saiu por ocasião dos Quinhentos Anos, eu estava inclusive morando na Europa nesta ocasião, e muitas palestras por um ciclo anticolombiano, era um círculo italiano e espanhol, ante os festejos da descoberta da América. E toda a Europa fazia uma oposição no contexto desta conquista, que eu acho que é muito fecunda para a gente pensar a própria questão da violência e da paz, que é uma posição que ele vai chamar de cultura do sacrifício e cultura da barbárie. Os astecas matavam milhares de prisioneiros para oferecer seus corações aos Deuses. De qualquer maneira o sofrimento e a violência sobre um alguém, mas dentro de um contexto ritual, não se roubava nada dele ou da família. Foi preciso que chegasse os europeus para que houvesse a morte e o genocídio, não em nome de um Deus, nem em nome de uma pedagogia de conversão do outro, mas apenas em nome do poder e da ganância. Na verdade, como vários astecas, maias e incas denunciaram, “vocês não nos querem fazer bem nenhum, vocês só querem o nosso ouro, os nossos bens”. Esta passagem dramática dessa denúncia dos índios.

Na compreensão ao que se opõe a paz em nível local, inclusive dentro da escola e também mundial, é importante distinguir as diferenças essenciais entre a violência inevitável dos excluídos do direito da felicidade e a violência planejada e arbitrariamente tornada legítima, evitável portanto, dos que se apoderam dos bens da vida, do poder de gestão de vida e dos meios de legitimação da violência que exercem sobre a vida. Por isso a leitura feita no documento daquele Bispo. Ele simplesmente diz ao Bush: o terrorismo que se abateu sobre nós é o pequeno terrorismo daqueles que nós criamos como terroristas. Eles fizeram o que fizeram porque primeiro nós o geramos. Nós temos o poder de gerar terroristas e depois temos o poder de instruir os terroristas que geramos, invadindo o Iraque, bombardeando o Afeganistão, e assim por diante. Há uma violência dos que perderam seus direitos e há barbárie na violência dos que transformaram direitos universais em privilégios exclusivos. Essa minha passagem, só como referência, vai bater nos itens cinco, seis e sete aqui no documento da ESMEDI, que inclusive tem uma passagem de um teor social, se vocês quiserem, político e pedagógico muito grande. Diz o seguinte:

“Não existe violência em si, mas relações sociais violentas. Não existe paz em si”, estou fazendo um contraponto, “mas relações de construção interativa e social da paz. Isso em si

passa por uma coisa que é esquecida e esquecível”, a gente pensa nisso como pensa na macro economia, mas temos uma dificuldade muito grande quando pensa em micro economia, minha economia. Grande parte do que motiva a violência não esta apenas nas mãos ou no processo político-econômico das grandes corporações norte americanas, está também em nós, está também em grande parte nos hábitos de vida que muitas vezes nós fomos obrigados a gerar e a constituir como práticas da nossa experiência. Ghandi tem uma frase terrível, que inclusive me incomoda, por que eu tenho uma porção de bens, ele diz: *“tudo que você possui e não necessita é um roubo”*. Essa idéia é vinda de Proudon. E eu queria lembrar o princípio da Igreja Católica que vem de São Tomás de Aquino: *“tudo aquilo que me faz uma falta essencial e sobra num outro, é um direito meu. Quando eu tomo deste outro, eu não estou roubando, mas estou me apropriando de uma coisa que não me foi distribuído”*. É duro, mas vejam vocês, é uma doutrina social de Igreja, muito antes de Marx, vem de São Tomás de Aquino. Me lembro até de um padre, que uma vez quis dar um exemplo e disse: *“se você estiver faminto e estiver passando por um milharal, você tem direito de entrar e comer milhos. Você não pode levar para a casa, mas se você conseguir comer...”*. O pessoal do MST, por exemplo, é um praticante, muito mais São Tomás de Aquino do que Marx, muito mais Igreja Católica do que Marxismo, desse princípio fundamental. Toda a terra ociosa, mesmo que tenha um dono que a comprou legitimamente, toda a terra que, como disse José de Souza Martins, existe só para especulação, para que gere parada sem produzir frutos, mais dinheiro, é uma propriedade indevida. Qualquer pessoa tem direito de se apropriar dela.

O amor é uma emoção original do ser humano, mas o exercício interativo do amor é aprendível. A paz é uma vocação original do ser humano, mas os atos de construção cotidiana da paz, são aprendíveis. A violência exercida por aqueles que não aprenderam a vivência e o sentido da paz, ou que perderam por sofrimento próprio a esperança nela, é um desvio de uma vocação inata. É portanto, uma carência aprendível, incorporável a lógica dos sentidos e dos significados com que uma criança, um adolescente, um jovem, um adulto, um idoso, orientam a sua vida e a sua experiência. É, portanto, algo de responsabilidade da escola. Uma pedagogia da paz, destinada a criar, a partir dos círculos do “ais”, e depois dos ciclos de sala de aula, depois dos ciclos de escola, depois dos ciclos das gerações “escola / comunidade”, em nome de uma vocação da paz, é algo absolutamente legítimo. E aí eu queria lembrar só de passagem, foi lembrado ontem lá em Osório, um momento do relatório TELORA, aquele famoso capítulo quatro, os quatro pilares do aprender, da educação, em que mesmo o aprender a fazer, que a gente passa por alto e que está dito ali, não é aprender o funcional e o instrumental, é o aprender a criar no contexto do trabalho relações harmoniosas de respeito, eles não vão falar em amor, por que são muito intelectuais, mas de uma convivência fraterna.

O aprender a aprender também não é uma questão puramente intelectual, está absolutamente empapado no aprender conhecimento para aprofundar valores. A ciência serve a ética neste sentido, e a ética serve, aí sim, à construção de políticas, não de uma política, mas de políticas destinadas à justiça, à paz e à liberdade. Aprender a conviver não significa, está dito ali e pode ser dito aqui com mais radicalidade, ajustar-se a cenários pré estabelecidos ou pré doados por instancias políticas de uma vida harmoniosa, outorgados por que se reconhece o poder de fazer ou de dar, doar a paz. Ao contrário, aprender a conviver significa criar, saber criar a paz a cada passo e finalmente o saber a ser, aprender a ser, também nesta mesma linha. Não significa o mergulhar em mim como sujeito que se basta na sua plenitude, mas um ser que só se afirma como ser através do diálogo, da comunhão fraterna despojada, não possessória e não possessiva por um poder com as outras pessoas.

Toda a educação que instrui o competente e competitivo, é uma categoria que eu forjo e eu uso a todo o momento, neste livro meu que vai sair, o “Saber ser Livre”, que são os relatos das minhas experiências aqui no Rio Grande do Sul, como o sujeito saído da escola de vocação capitalista, inclusive da maioria das nossas universidades particulares, que dizem descaradamente que preparam pessoas para o mercado, então toda a educação que instrui esta pessoa pode ser uma capacitação meritória segundo os termos do mercado, mas é uma contra educação do ponto de vista da vocação humana, do diálogo, a gratuidade, a partilha gratuita de bens, de serviços, de sentimentos e de sentidos. Precisamos aprender com as nossas crianças, não apenas a reformular algumas atitudes em direção à harmonia e à paz, mas a sair como opção de vida do circuito dos bens e dos poderes para o círculo do dom e da partilha entre iguais.

A paz não é um direito humano, nós não temos um direito à paz, a não ser quando ela é antes um dever do humano. Eu aqui remeti a Marilena Chauí, também não tenho aqui uma citação concreta, mas ela fala e escreve sobre isto durante todos os momentos. Eu não vivo uma experiência de uma cidadania plena numa plena democracia, quando eu vivo um contexto de relações sócio políticas onde, por igual, as mesmas leis criadas e outorgadas por outros são administradas sobre todas as pessoas sem diferenças. Isso caracteriza a democracia formal que a muito tempo nós queremos superar; e aqui eu lembro um livro belíssimo da minha querida Maria Vitória Benevich também, colega da PUC do Rio que eu tentei namorar sem sucesso. E ainda outro dia, quarenta anos depois eu fui cobrar dela por que ela não deu a mínima pelota para mim e ela me respondeu: “porque eu nem percebi o que você queria”. Aliás foi neste encontro de justiça e paz (eu não devia ter gravado esta passagem), lá neste encontrão e no meio de todo mundo, eu fiquei mais vermelho do que este folder. Quarenta anos depois, vê se tem cabimento. Mas enfim, a idéia de democracia ativa na

Maria Vitória. E o que ela vai dizer, eu só vivo a experiência de ser cidadão numa democracia quando eu evoco a mim na partilha com os outros, o dever de construir meus próprios direitos. Inclusive as leis as quais eu vou me submeter, não porque são boas, mas porque eu fiz e também posso desfazer quando elas deixarem de ser boas.

Outro aspecto que me parece muito importante: o criar a paz significa o conviver com a verdade é um princípio profundamente Ghandiano. Ghandi é uma pessoa que chegou a dizer que para mim é a mesma coisa dizer que Deus é a verdade ou a verdade é Deus, os dois não apenas se confundem, mas se indentificam. Eu acho que nós temos falado tantas coisas no mundo da Pedagogia, no mundo das novas idéias sobre Educação e esse princípio tão tradicional e elementar, volta e meia tem-se deixado de lado. Nós só construímos alguma coisa significativa na interação com o outro e, sobretudo, na sala de aula, quando lidamos com a verdade, com absoluta transparência, a começar quando dizer ao aluno, “eu não sei isso que você me perguntou, vou tentar saber e respondo depois”. Isso pode ser mais radical ainda; eu aqui voltaria a uma imagem que eu trabalhava ontem lá em Osório, que alguns gaúchos ficam bravos comigo, os paranaenses também, mas que eu acho que tem tudo a ver; nós nos sentimos educadores, cidadãos e criadores de um mundo de transparência e de verdade, mas continuamos a ensinar Revolução Farroupilha e principalmente Guerra do Paraguai em cima de textos que são francamente mentirosos ou pelo menos unilaterais. O Dedeco uma vez escreveu uma tese que chamava “A versão dos vencidos”. Eu acho que a grande história da humanidade é a versão dos vencidos, a história dos que foram deixados a margem, e a pior história é a história dos nossos heróis montados a cavalo. O que nós fizemos em Assunção, na nossa vitória sobre o Paraguai não foi muito diferente dos que os nazistas fizeram nas cidades que conquistaram. Não foi muito diferente. Poderíamos dar a desculpa que foi muitos anos antes. Eu acho que um professor, em busca da paz através da verdade deveria, sobretudo enquanto professor de história, aprender a ensinar, por exemplo, a Unidade Guerra do Paraguai, lendo com os seus alunos livros paraguaios, uruguaios, brasileiros e argentinos, e se possível uma boa tradução do que pensaram os guaranis a respeito. Provavelmente tenham sido os mais lúcidos, até porque não se meteram nesta guerra imbecil gerada pela Inglaterra. Aliás, de quebra, poderiam ler alguns livros ingleses também. Nós, até hoje continuamos falando de multiculturalismo, de paz, de abertura para o outro, mas construímos histórias gaúchas e gauchescas, patrioteiras, fechadas, chauvinistas, histórias brasileiras piores ainda, e assim por diante. Falamos em comunhão com a humanidade, mas o outro do outro lado do rio, muitas vezes é um inimigo e não só num campo de futebol. Essa eu acho que é uma grande lição. Eu acho que nós poderíamos reverter isso aí, com as nossas crianças e adolescentes em duas direções. Primeiro lugar,

reescrevendo as histórias locais, comunitárias, regionais, estaduais, nacionais, latino americanas, a partir dos seus verdadeiros protagonistas, as pessoas de todos os dias, nós. Assim como nós somos os santos e sábios que construímos a paz, juntos com nossos alunos, somos também as pessoas que fazem a História desse nosso mundo a cada momento e a cada dia. E depois lendo o outro, tendo a coragem de ler o outro. Eu acho que isso, inclusive, vale até para as coisas que eu digo que temos que fazer e não faço. Por exemplo, nesses dias de eleição eu estou o tempo todo me perguntando o seguinte: será que eu leio com a mesma atenção a proposta política do Garotinho, do Ciro, do Lula e do José Serra, para então, de uma maneira lúcida, confrontando propostas políticas, fazer a minha opção que antecipadamente já é pelo Lula. Será que não deveria ser assim, não é isso que eu digo para meus alunos fazerem? Eu acho que não vou ler não. Principalmente em São Paulo, já pensou ler do Maluf! Mas deveria. É a tal história, eu agora poderia voltar para mim e dizer que eu tenho todo o direito de odiar o malufismo.

Tudo que se expressa culturalmente como linguagem ou metáfora da violência, através da TV, dos jogos, das competições, pode se expressar como linguagem metáfora da paz. Nós precisamos migrar no cotidiano da escola, da competição à cooperação, da competência entre desiguais, à diversidade de realizações entre diferentes. De gratificações e quantificações ranquitizadas dos melhores em detrimento dos piores, a uma qualificação polivalente, multisignificativa de modo de ser e de desempenhos. A pouco tempo atrás eu lia uma história da Mafalda, eu acabei de dar uma unidade num curso de Jogos Cooperativos, uma coisa belíssima, que vem do Canadá e está se espalhando pelo Brasil, vocês deveriam ter contato, Fábio Brotto, que morava em Santos, e agora foi para Florianópolis, e tem uma energia chamada cooperação, em que o menino pergunta aos dois outros que jogam xadrez: “nesse jogo, os dois podem ganhar?”, e um deles responde: “não, só um ganha”, aí o menino pergunta: “então porque os dois jogam, porque que o outro joga?”. Precisamos reverter essa balela e esta mentira, que pouco a pouco nos foi sendo imposta, de que o jogo atraente é o jogo em que o adversário tem que ser esmagado, é o que vou chamar, inclusive eu estou escrevendo um livrinho para esse pessoal da cooperação que são jogos cooperativos com palavras, a começar por aquele que eu escrevi pro MST, “O Jogo das Palavras Semente”, baseado no método Paulo Freire, em que as crianças sejam levadas a descobrir que dá tesão, que é gostoso, que é muito bom a gente criar juntos e vencer juntos obstáculos, ao invés de estar permanentemente, não apenas vencendo o outro, mas se alegrando de que o outro tenha perdido, de que o outro tenha sido derrotado, esmagado, palavras que são usadas às vezes de muitas maneiras. Como eu fui escalador de montanhas muitos anos, inclusive guia

de escalada, e como na escalada um depende do outro e ninguém vence ninguém, a gente se vence a si mesmo, através dos outros, isto é uma metáfora que muito cabe a nós.

A paz não pertence ao mundo da política, nem ao mundo da ciência. Ela não aumenta com o acúmulo do saber instrumental e não melhora com os avanços da tecnologia. Antes ao contrário. A paz circula e faz interagir em ciências, filosofias, artes, ritos, jogos, trocas de espiritualidade, quando eles se embebem de uma vocação para a paz. Isso é uma coisa muito complicada e difícil da gente pensar, sobretudo quando a gente lê, outro dia eu li num livro, inclusive de um norte americano, Naum Shonpsq, ativista e lingüista norte americano, aliás um livro chamado "Onze de Setembro", que em determinadas áreas do conhecimento, dois em cada três escritores norte americanos, estão empregados em indústrias de armamentos. Isso é a face real e concreta do nosso mundo. A paz não está situada em nenhum destes lugares. Não esperá-la de atos políticos, nem da ONU, nem da contribuição da ciência, nem do avanço da tecnologia, nem daquela promessa nunca antes realizada de que um dia virá para todos e ninguém precisará mais querer o que é dos outros. Ao contrário, a paz é um antecedente a tudo isso. É de um espírito de paz e de harmonia, é de uma contra facção a toda esta vocação da guerra, a essa violência que gera violência, inclusive para se justificar, que as ciências, que as tecnologias, que as pedagogias devem se embeber. Na experiência da escola, a construção pedagógica da paz, não significa tornar inocente, abstrata, encantador aquilo que, como violência, é perverso, concreto e desestruturador. Ao contrário, nada mais dramático e radical do que unir-se para criar vivências para cooperações e cenários de paz. Eu digo isso porque, muitas vezes os próprios professores, assumimos a idéia de que, principalmente entre os meninos, o que mobiliza as interações, é a violência, é a guerra, é o conflito, é a competição. Só o lado feminino da escola é que poderia ter esperanças, porque, inclusive, nós também assumimos a coisa que os meninos dizem que tudo que se realiza com paz e não com conflito não tem graça, pois deixa de possuir emoção. Essa é uma mentira culturalmente construída, aliás como todas as mentiras são culturalmente construídas.

Precisamos aprender, principalmente, a não temer e precisamos ensinar a não ter medo. Somente quem se abre ao outro e se desarma para viver a paz, é de fato uma pessoa cheia de coragem.